



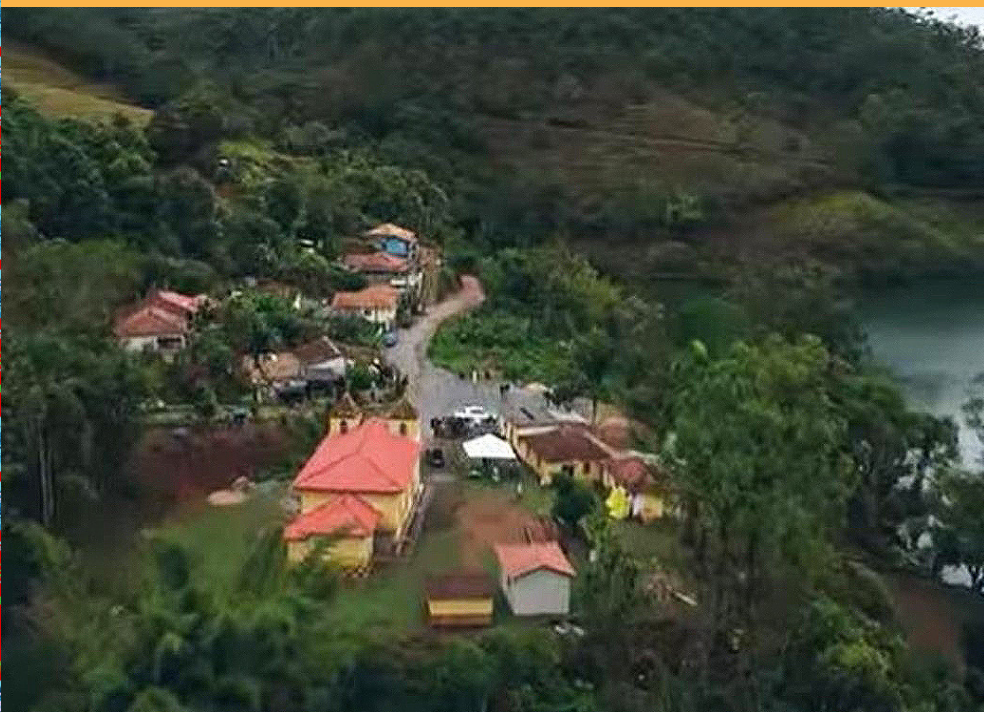
Coleção
Raízes do Futuro

20

COMUNIDADE QUILOMBOLA MIGUEL RODRIGUES

DIOGO DE VASCONCELOS - MG

História • Território • Economia e Sociedade



CRÉDITOS

Autoras e autores (Comunidade)

Emilly dos Santos da Silva, Henrique Paulo Moreira, Hercely Antônia da Silva Martins, Maria José de Freitas Pires, Marta Caetano do Espírito Santo, Miguel Ângelo Constantino, Viviana Aparecida de Freitas, Zélia da Silva Freitas.

Equipe do Projeto Raízes do Futuro

Alice Capanema, Frederico Augusto Alves Gonçalves, Jorge Andrade, Leda Maria Benevello de Castro, Marina Fares Ferreira, Regina Campos, Ricardo Ferreira Ribeiro, Rosana Cristina Avelar.

Equipe de edição

Fotos e Mapas - Acervos Cedefes e Comunidade
Projeto Gráfico e diagramação - Derval Braga e Juliana Vaz

Diretoria do Cedefes

Alenice Maria Motta Baeta - *Presidenta*
Luci Rodrigues Espechit - *Tesoureira*
Maria Elisabete Gontijo dos Santos - *Secretária*

Impressão

Imagem Editora Gráfica
2025 - 300 exemplares

Belo Horizonte (MG), dezembro 2025

Apoio



PROJETO RAÍZES DO FUTURO

O Projeto Raízes do Futuro trabalha e valoriza a presença viva das tradições nas comunidades quilombolas de três regiões vizinhas de Minas Gerais — Alto Paraopeba, Vale do Piranga e Campo das Vertentes/Zona da Mata —, buscando, a partir desse patrimônio cultural, construir caminhos para um futuro melhor.

Cada comunidade participante indicou três representantes para integrar um ciclo de dez encontros, realizados aos finais de semana, com intervalos aproximados de 45 dias entre cada um. As reuniões aconteciam sempre nas próprias comunidades. Em cada encontro, eram apresentadas duas técnicas de Diagnóstico Rápido Participativo (DRP), que os representantes aplicavam em suas comunidades, trazendo os resultados para compartilhar no encontro seguinte.

Essas metodologias permitiram que cada grupo refletisse sobre sua história, território, recursos naturais, modos de subsistência, produção, consumo, relações internas e externas, além da organização das atividades econômicas e socioculturais ao longo do ano.

Os encontros foram concebidos como espaços de aprendizado coletivo e troca de experiências. Além das atividades formativas, aos sábados eram promovidas as Noites Culturais, organizadas pelas próprias comunidades, fortalecendo a identidade e o convívio comunitário.

No entanto, os objetivos do projeto iam além do diagnóstico. Buscava estimular ações concretas capazes de contribuir para a transformação da realidade local. Como resultado desse trabalho, várias comunidades iniciaram o processo de certificação quilombola junto à Fundação Cultural Palmares, enquanto algumas focaram na organização institucional interna e outras na articulação junto ao poder público, reivindicando melhorias na infraestrutura local.

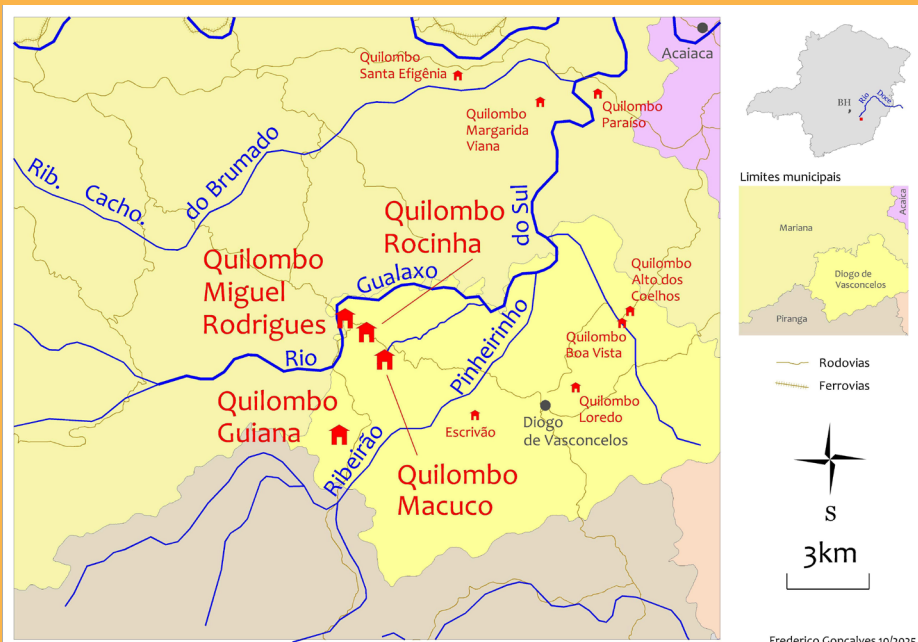
Este livreto integra a Coleção Raízes do Futuro e foi escrito pelos representantes quilombolas participantes do projeto, a partir das pesquisas que realizaram com base nas técnicas de Diagnóstico Rápido Participativo.

COMUNIDADE QUILOMBOLA MIGUEL RODRIGUES

DIOGO DE VASCONCELOS - MG

Localização da Comunidade

Miguel Rodrigues está situada no município de Diogo de Vasconcelos, na região central de Minas Gerais, às margens do rio Gualaxo do Sul. Faz parte de um conjunto de povoados vizinhos: Congo Choco, Córrego Seco, Rocinha, Buraco da Vassoura, Jacu Velho, Furi, Macuco, Morro da Caatinga, Tanque, Guaiana, Fazenda do Gualaxo, Fundão e Passa Dentro. Nessas comunidades vivem aproximadamente 118 famílias, conforme levantamento realizado em 2025. É importante ressaltar que este conjunto de livretos não contempla a história de todas, tendo como foco as comunidades de Miguel Rodrigues, Guaiana, Macuco e Rocinha.



História

As origens da comunidade remontam às primeiras ocupações coloniais de Minas Gerais, entre os séculos XVII e XVIII. A região, que inicialmente fazia parte da Vila do Carmo (atual Mariana), foi colonizada por bandeirantes paulistas, entre eles Miguel Rodrigues Garcia Velho, que acabou dando nome ao local.



■ Apresentação da Linha do Tempo de Miguel Rodrigues em Encontro do Projeto Raízes do Futuro.

A trajetória do povoado é marcada pela convivência entre diversos grupos sociais — pessoas escravizadas, ex-escravizadas, indígenas e europeus. Famílias como as de Antônio Francisco, Cassiano Pires, Luiz Constantino, Dona Anita, Adão Constantino, Maria Rosa e Henriqueta Amélia são lembradas como algumas das mais antigas. Segundo relatos do morador Roque Pires, muitos descendem de pessoas escravizadas, como Adão Pires, irmão de Antônio Francisco Cassiano, ligado a João Pires, braço direito de Miguel Rodrigues.

Na década de 1940, segundo Roque Pires, a comunidade era composta por poucas famílias — entre elas as de Maria Amélia; Antônio Constantino e Sá Maria Rosa; Antônio Francisco Filho e Beata; Riqueta e Francisco Sofia; Antônio

Pedro e Francisca; Raimundo Borges e Sá Maria Amélia; Agenor e Anita; e Amantino e Joselina. A sobrevivência era garantida principalmente pelo trabalho na roça e pelos recursos naturais disponíveis.

As famílias cultivavam lavouras e hortas, realizavam garimpos, pescavam, caçavam, coletavam mel silvestre e produziam quitandas — bolos, brevidades e doces. Criavam também porcos e gado. Essas atividades eram desenvolvidas nas matas, no rio Gualaxo, nas fazendas vizinhas e nas pequenas roças individuais.

Alguns proprietários rurais lembrados pela comunidade são Lício Drumond (Brancola), dono da Fazenda do Gualaxo; José Drumond; Otávio, da Fazenda Guaiana; Odilon Alexandre da Cunha, da Fazenda do Tanque; além de Cesário Campo, Bernardo Vasconcelos e Agenor Drumond.

As primeiras moradias eram de madeira ou barro. Os mais antigos ainda recordam as casas de Francisco e Sofia, Nelson, José Patrocínio e Antônio (Tonico). O trabalho se distribuía entre as matas, o rio, as pequenas propriedades e as grandes fazendas. O lazer incluía serenatas, quadrilhas, jogos de cartas, congado e folia de reis. Também havia benzedeiros e curandeiros, embora não existissem terreiros religiosos. A eletricidade só chegou por volta de 1980, transformando a rotina local.

A educação começou de forma simples: as aulas eram ministradas em casas adaptadas e por professores sem formação pedagógica, como Dona Josefina e o senhor Cândido. Os alunos caminhavam longas distâncias até a escola, e os professores eram pagos com sacos de arroz, feijão ou frangos. A primeira professora com formação foi Andréia Vasconcelos, seguida por Carminha, filha de José Coelho.

Uma das moradoras mais antigas é Dona Dalva Félix da Silva, nascida na Rocinha e criada com 11 irmãos. Atualmente mora na comunidade de Magalhães. Ela relata uma infância marcada pela escassez, na qual todos trabalhavam desde

cedo na lavoura — cultivando milho, arroz, cana, café, hortaliças, amendoim, inhame, batata-doce e mandioca — e criando porcos e gado. A alimentação era simples, baseada em angu com taioba ou abóbora, mingau de fubá e arroz com feijão. Em ocasiões especiais, como velórios e festas religiosas, era servida farinha de milho torrada. Para ela, o trabalho vinha antes da escola.

As festas religiosas sempre foram momentos de união e alegria. As principais eram a Festa do Sagrado Coração de Jesus, no fim de junho, e a Festa de Nossa Senhora da Imaculada Conceição, padroeira da comunidade. Esta última passou a ser celebrada em dezembro, sua data oficial, após anos sendo realizada em junho devido às chuvas que impediam a chegada dos padres. As celebrações incluíam novenas, alvoradas, sinos, foguetes, banda de música e a presença de comunidades vizinhas.

Outra celebração importante era a Festa de São Domingos, realizada em julho e tradicionalmente frequentada pelo padre Arlindo.

Segundo relatos de Dona Dalva Félix da Silva, Dona Efigênia Pires, senhor Adão Vitor de Abreu e Maria Francisca Beata, a antiga igreja de Miguel Rodrigues, que existiu até 1977, possuía esculturas de anjos, teto pintado com estrelas, pilastras de madeira e adornos em ouro. Com o tempo, esses bens foram vendidos ou saqueados, e a igreja acabou destruída — mas a fé permaneceu viva. As missas, realizadas em latim, e as coroações de Nossa Senhora, com crianças como Maria José, Maria de Fátima, Maria Aparecida, Conceição Emílio, Elza Madalena, Eva de Euclides e Maria Expedita, marcaram gerações.

Em 1984, foi construída a atual Igreja de Nossa Senhora da Conceição, que mantém viva a religiosidade local, especialmente no Natal, na Quaresma e na Semana Santa, com rituais como o silêncio, a cobertura dos santos com panos roxos, o uso de roupas tradicionais e as caminhadas matinais.



■ Igreja Nossa Senhora da Conceição.

Entre as histórias preservadas por Dona Dalva, destaca-se a de Saturnina, que viveu no vilarejo de Fundão Zidério e trabalhou a vida inteira para sua antiga professora, Dona Anita, que depois cuidou dela até o fim da vida. Saturnina não se casou nem teve filhos. Gostava de cantar e contar causos e usava sempre seus sapatos de aracubaca.

Outra personagem lembrada é Pônciana, “pega no laço” em um povoado chamado Fundão e levada para o hospício de Barbacena, acusada de loucura. Antônio Quirino, que diziam ser seu filho, foi criado na região e, mais tarde, se casou com Regina.

O senhor Adão Vitor de Abreu (nascido em 1932) recorda os primeiros tempos da comunidade, mencionando a construção da primeira capela, iniciada por Miguel Rodrigues, e a presença de dois portugueses — Miguel e Bento Rodrigues —, sendo este último o fundador do atual povoado de mesmo nome, destruído pelo rompimento da barragem em 2015. Ele também relembra danças como a Catira e a Umbigada, hoje desaparecidas.

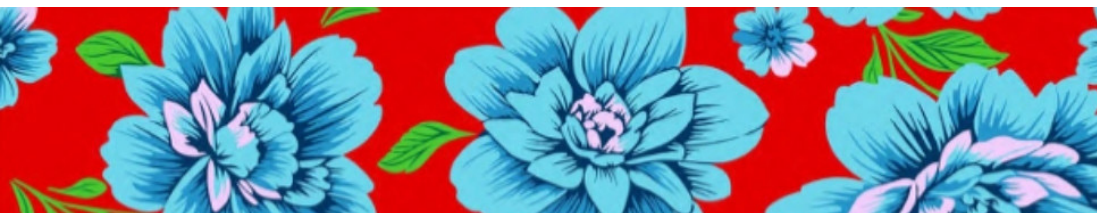
Outra personagem marcante é Dona Dolores Gregório, nascida em 1919 na comunidade do Macuco. Conhecida como “Rainha da Dança” e reconhecida como remanescente quilombola, era celebrada pelo seu canto, alegria e habilidade no violão.

A comunidade de Miguel Rodrigues abrange ainda os povoados de Guaiana, Macuco e Rocinha, cada um com sua própria história. Em Guaiana, segundo a moradora Marta Caetano, vivem 16 famílias reassentadas após a construção da PCH Fumaça, fruto de mobilização contra a empresa Alcan. O território ainda enfrenta desafios, como a contaminação das águas e a dificuldade de retomada das atividades produtivas tradicionais.

Na Rocinha, Geraldo Pedro do Espírito Santo recorda festas animadas, com visitantes de várias localidades, e a tradição de manter o comércio fechado durante as missas. A Festa de Nossa Senhora da Conceição incluía alvoradas, fogos e a participação da banda de Padre Viegas.

No Macuco, Efigênia Pires lembra antigas danças, como a Coleção — semelhante às quadrilhas — e a Umbigada, além de comidas típicas feitas em fogão a lenha.

No final da década de 1990, a história local mudou profundamente com a chegada da empresa Novelis, responsável pela construção da barragem hidrelétrica. Apesar da resistência organizada pelo Movimento dos Atingidos por Barragens (MAB), a obra foi aprovada e provocou o alagamento de parte do território. Em seguida, foi criado o assentamento no Córrego Guaiana, com apoio do MAB, MST e da Universidade Federal de Viçosa (UFV), que ainda desenvolvem projetos comunitários.





■ Vista aérea de Miguel Rodrigues - antes da construção da Hidrelétrica Fumaça.



■ Vista aérea de Miguel Rodrigues - após a construção da Hidrelétrica Fumaça.

■ Território

A comunidade de Miguel Rodrigues fica às margens da barragem da Fumaça e conta com estrada asfaltada, energia elétrica, internet e abastecimento de água por poço artesiano. Ainda não possui um sistema de tratamento de esgoto.

Entre os bens públicos estão a Unidade Básica de Saúde (UBS), a Escola Estadual Coronel Nicolau Sampaio, uma quadra poliesportiva, o cemitério local e um moinho. As casas, em sua maioria de alvenaria, ficam próximas umas das outras. O comércio local é modesto, formado por três bares, uma padaria/mercearia/bar, três revendedores de gás e uma borracharia. Há também dois espaços religiosos: o Salão do Reino das Testemunhas de Jeová e a Igreja Nossa Senhora da Conceição.

A comunidade da Rocinha, antiga Aldeia, mantém características rurais e não possui pavimentação. O ambiente é predominantemente verde, com energia elétrica, acesso à internet e água de nascente, mas sem esgoto. O único bem público é um engenho de cana-de-açúcar, símbolo da tradição local. As moradias são de alvenaria e ficam afastadas umas das outras.

A comunidade do Macuco tem suas ruas parcialmente calçadas, possui energia elétrica, internet e água de nascentes; também não possui tratamento de esgoto. As casas são de alvenaria e dispersas. Na comunidade há a Capela de Santa Luzia, além de dois bares.

A comunidade de Córrego Seco é marcada por extensas áreas verdes e possui energia elétrica, internet e água de nascentes, mas sem rede de esgoto e sem ruas pavimentadas. Suas casas são de alvenaria e dispersas. Há uma capela onde ocorrem celebrações religiosas.

Todas essas comunidades estão situadas no entorno da Estrada Real, atualmente asfaltada. A terra sempre foi a base da subsistência local: as famílias cultivavam em suas próprias roças ou em terras cedidas, usando os produtos tanto para consumo quanto para troca.

Os registros históricos mencionam moradores como Antônio Izidoro do Espírito Santo, Geraldo Mandu e Francisca Pires, ligados à agricultura e profundamente enraizados no território. Documentos antigos, como uma escritura de 1865 referente à Rocinha, comprovam a ocupação centenária da região.

A natureza — preservada ou transformada — segue essencial à vida comunitária. Parte das antigas matas, que abrigavam cafezais, canaviais e madeiras nobres, foi substituída por eucaliptos e pastagens. O rio Gualaxo continua vital, servindo para pesca, garimpo, banho e lavagem. A madeira permanece importante para a construção, e o canavial segue sendo usado para produzir melado, cachaça e ração animal.

As ferramentas tradicionais — foices, facões, enxadas, roçadeiras e serras — ainda são amplamente utilizadas. A água que abastece Miguel Rodrigues vem de um poço artesiano na propriedade do senhor José Nascimento; nas demais localidades, o abastecimento depende das nascentes.



- Apresentação da atividade do Mapa Simbólico de Miguel Rodrigues.

Economia e Sociedade

Desde a formação da comunidade, a economia local se baseia no cultivo da terra, na extração de ouro, na produção das roças familiares e no trabalho nas fazendas. Os moradores produziam milho, arroz, cana, mandioca, inhame, batata-doce e hortaliças, e criavam porcos e gado. Também dependiam da

caça, pesca, coleta de mel silvestre e fabricação artesanal de quitandas, atividades essenciais para a sobrevivência.

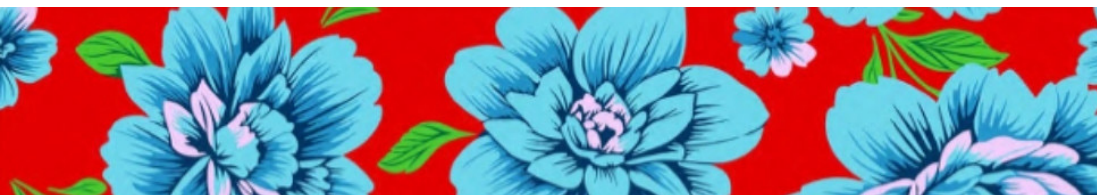
Grande parte desse trabalho ocorria sob o regime de meia, principalmente nas fazendas de Lício Drumond (Brancola), José Drumond, Odilon Alexandre da Cunha, Cesário Campo, Bernardo Vasconcelos e Agenor Drumond. Como meeiro, o trabalhador cultivava a terra do fazendeiro e recebia uma parte da produção como pagamento. Outra prática comum era o “troca-troca”, em que os agricultores trocavam dias de trabalho entre si para manter suas lavouras.

O trabalho era árduo, e muitos fazendeiros maltratavam os trabalhadores, oferecendo alimentação de qualidade inferior e sem carne. A produção das roças era modesta e, muitas vezes, faltavam alimentos básicos, como feijão e arroz, durante o ano.

A economia local sempre foi dinâmica, com entrada e saída constantes de produtos. Os moradores dependem de itens vindos de fora — como pão, gás, produtos de higiene, combustível, roupas, remédios e carnes — e de serviços essenciais, como atendimento médico.

Ao mesmo tempo, a comunidade mantém uma importante produção familiar, responsável pela saída de açúcar mascavo, sabão caseiro, artesanato, quitandas, laticínios, ovos caipiras, arroz orgânico, peixes, frangos e animais de criação, além da oferta de mão de obra.

A população de Miguel Rodrigues e das comunidades vizinhas continua formada por grupos de origem indígena e quilombola, que vivem às margens do rio Gualaxo do Sul. A agricultura segue como base da vida local, com a produção de milho, arroz, cana, queijo, mel e açúcar mascavo, além da criação de animais.





■ Moradores de Miguel Rodrigues, no engenho, produzindo açúcar mascavo.

As atividades agrícolas acontecem durante todo o ano, com divisão clara de tarefas entre os moradores:

- **Plantio do milho:** de setembro a dezembro, por homens e mulheres. A preparação da terra ocorre de setembro a novembro, a carpina entre outubro e janeiro, e a colheita entre abril e junho, principalmente por homens e jovens.
- **Plantio do feijão:** em fevereiro, março, setembro, outubro e novembro, também por homens e mulheres. A colheita acontece em janeiro, maio, junho e dezembro, com participação dos jovens.
- **Hortas:** cuidadas por jovens, mulheres e idosos, entre março e junho.
- **Moagem de cana e produção de rapadura:** entre maio e setembro, envolvendo homens e mulheres.

As festas religiosas continuam marcando a vida comunitária: em junho ocorre a Festa do Sagrado Coração de Jesus e, em dezembro, a Festa da Padroeira — Nossa Senhora da Imaculada Conceição — com novenas e celebrações que mobilizam toda a população.

Durante todo o ano, homens, mulheres, jovens e crianças se dedicam ao cuidado dos animais, ao trabalho nas fazendas,

às atividades escolares (de fevereiro a dezembro), ao campeonato de futebol e às celebrações religiosas. Em janeiro, julho e dezembro, realiza-se a Folia de Reis, com cânticos, visitas e bênçãos às famílias, fortalecendo a fé e o espírito comunitário.



■ Folia de Reis com integrantes das comunidades de Miguel Rodrigues e Macuco.

Mesmo diante das mudanças e dos impactos ao longo do tempo — como a construção da barragem, o plantio de eucalipto e a introdução da braquiária —, a comunidade mantém viva sua relação com a terra, o trabalho coletivo e a espiritualidade, reafirmando sua identidade e resistência cultural às margens do rio Gualaxo do Sul.

Em maio de 2025, a Comunidade Miguel Rodrigues e as comunidades de Congo Choco, Rocinha, Buraco da Vassoura, Jacu Velho, Furi, Córrego Seco, Macuco, Morro da Caatinga, Tanque, Guaiana, Sítio Gualacho, Fundão e Passo de Dentro receberam da Fundação Cultural Palmares a certificação como remanescentes de quilombos. Esse reconhecimento é fundamental, pois reafirma a identidade étnica e cultural de Miguel Rodrigues e seu entorno, sendo a primeira etapa para garantir seus direitos territoriais e a proteção de seu patrimônio cultural. ■

CEDEFES 40 anos de História

O Centro de Documentação Eloy Ferreira da Silva - CEDEFES é uma entidade privada, sem fins lucrativos, de âmbito estadual, fundada em 1985 por um grupo de professores, sindicalistas e religiosos. O nome é uma homenagem a Eloy Ferreira da Silva, trabalhador do campo e sindicalista no município de São Francisco, Minas Gerais, assassinado por grileiros em 16 de dezembro de 1984.

O objetivo do CEDEFES é promover a informação e educação popular, documentar, arquivar, assessorar, elaborar projetos, pesquisar e publicar obras de interesse dos povos tradicionais e dos movimentos sociais, fortalecendo as suas lutas, organização, articulação e conquista de direitos.

Suas atividades são mantidas, essencialmente, pelo trabalho voluntário dos sócios e colaboradores e uma parceria consolidada ao longo de vinte e dois anos com a entidade de cooperação internacional alemã Misereor e com o KMB, da Áustria.

A entidade tem o apoio também das Irmãs Sacramentinas de Nossa Senhora, que abrigam a organização há 17 anos, e dos irmãos Maristas e Franciscanos, que ajudam em situações específicas. Além disso, desenvolve projetos relevantes em parceria com Ministério Público de Minas Gerais.

No ano 2000, durante o Seminário “500 Anos de Resistência Negra no Brasil: os Remanescentes de Quilombo e Outras Experiências”, representantes de movimentos negros de Minas Gerais pediram para o CEDEFES atuar junto às comunidades quilombolas do Estado.

Desde então, entre 2003 e 2022, o CEDEFES conduziu sete projetos de apoio às comunidades quilombolas, em várias regiões de Minas Gerais. Seguindo essa caminhada, em 2023, teve início o projeto “Raízes do Futuro”, o oitavo projeto quilombola fruto da parceria CEDEFES / MISEREOR / KMB. Esta coleção de livretos é um dos resultados deste projeto.